

Assis Paim admite seus crimes

■ Vítimas do caso Coroa-Brastel podem recuperar o dinheiro. Ex-empresário faz manobra irregular para completar aposentadoria

FERNANDO THOMPSON E
SÔNIA ARARIPE

“Cometi crimes. Mas pedir desculpas hoje não vai reparar todo o mal que fiz. Quero continuar lutando e estar vivo para ver a Justiça para mim e para todos os ex-investidores da Coroa”. É isto o que Assis Paim Cunha, ex-dono do grupo Coroa Brastel, gostaria de dizer a 35 mil investidores, lesados por ele em 1983, por causa da emissão de letras de câmbio frias, sem lastro.

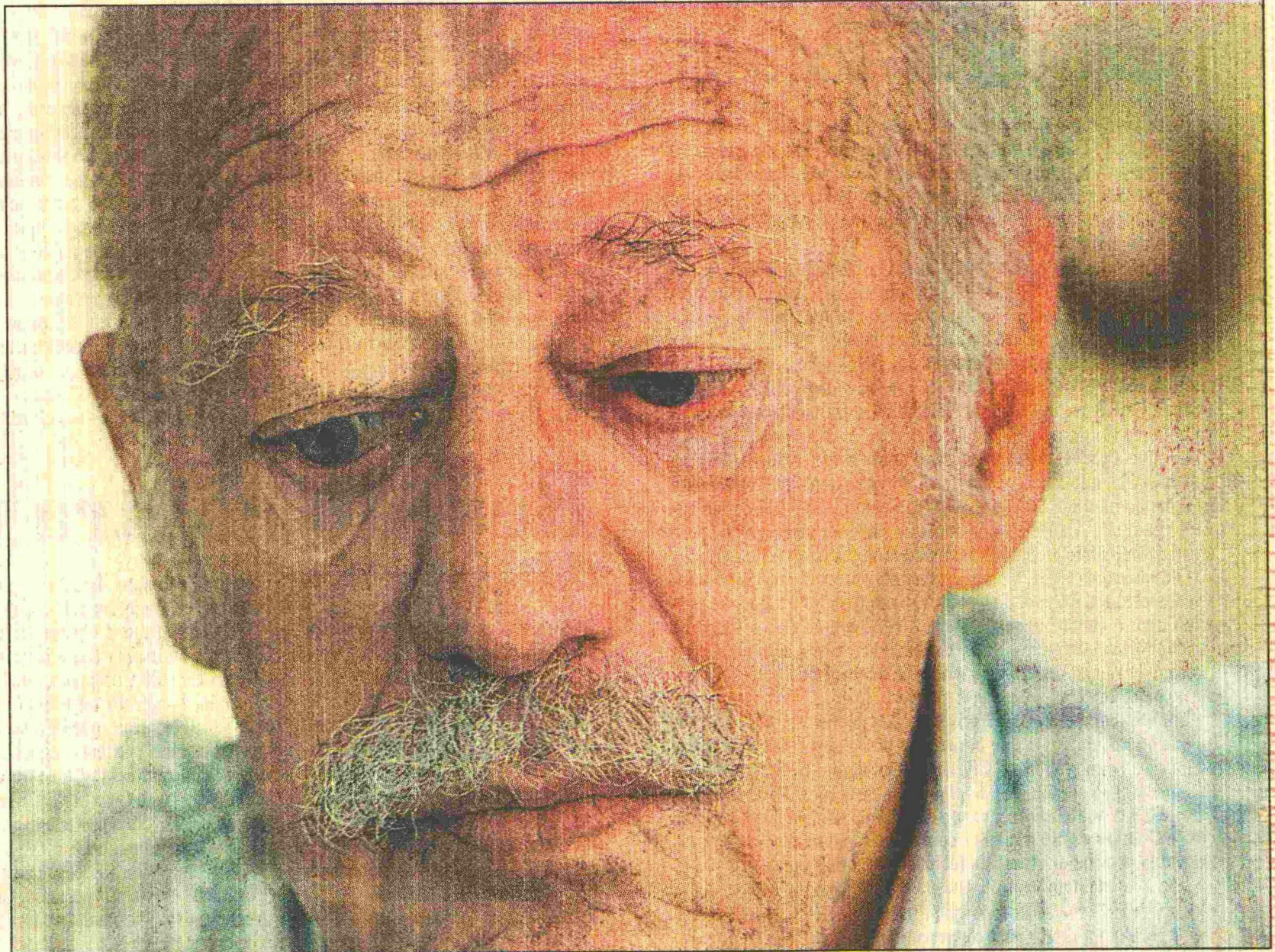
Há esperança para quem perdeu dinheiro com o escândalo Coroa-Brastel. Quatro pequenos aplicadores e duas corretoras cariocas, Elite e Pebb, garantiram na Justiça importantes vitórias, abrindo caminho para outros recuperarem seus investimentos. Segundo cálculo do próprio Assis Paim Cunha, as indenizações podem chegar em valores de hoje a R\$ 500 milhões, “que terão de ser pagas pela Viúva (a União)”. O ex-empresário também luta na Justiça para receber R\$ 100 milhões a título de perdas e danos.

Às vésperas de completar 70 anos, o homem que um dia foi milionário – “cheguei a ter um patrimônio pessoal de US\$ 220 milhões” – vive distante do glamour que o cercou durante boa parte da vida. Aposentado como comerciante, Paim recebe R\$ 836 por mês, mas tem uma renda mensal de R\$ 5 mil, graças a uma manobra ilegal e engenhosa. “Pode dizer que é crime. Um a mais na minha vida. Debito minhas contas nas empresas concordatárias”, revela. Até hoje, Paim está proibido de ter conta bancária ou cartão de crédito.

A metralhadora giratória ainda funciona como nos anos 80, quando procurava desafiar dirigentes do Banco Central e do governo. “Já coloquei muito a boca no trombone. Errei. Mas não sossego enquanto não mostrar que fui levado a fazer o que fiz por pressão do Banco Central e do governo militar”, insiste. Mas a memória de Paim, de vez em quando fraqueja. “Estou muito estressado”, admite.

Em alguns momentos, o ex-milionário ficou nervoso, esquecendo a prudência com o coração. O primeiro marcapasso só pode ser trocado em outubro de 96, com vários anos de atraso. Paim chegou a bater na mesa, gritando contra “a indústria da liquidação das instituições financeiras”. Mas, na média, mostrou-se bem-humorado, disposto a reescrever sua história. “Estou preparando meu livro. Vou contar tudo que passei. Só não sei se vão me deixar vivo depois”, brincou.

Do grande império que chegou a ser 40º maior do país, com 35 empresas, restou pouco. Um escritório no Centro do Rio, um carro Saveiro 94, loteamentos populares na Baixada Fluminense. Até a famosa casa na Joatinga (Zona Sul do Rio), que chegou a despertar a inveja de ricos, já não é mais de Assis Paim. O imóvel foi perdido porque foi dado como garantia de um empréstimo. A casa acabou sendo arrematada pelo amigo de Assis Paim, o banqueiro do bicho Castor de Andrade, em 1996, uma semana antes de sua morte. Em nome dessa amizade, a família de Castor permitiu ao ex-milionário continuar morando, de favor, na casa.



Arthur Max

Às vésperas de completar 70 anos, o ex-empresário Assis Paim lembra de seus crimes, mas às vezes, a memória fraqueja: “Estou muito estressado”